

G 20 – DE ONDE VEIO; ONDE VAI¹

Renato Baumann²

Este ano o Brasil assume a presidência do G20, trazendo uma série de implicações e curiosidade. Afinal, o que é e o que faz o G20?

1. Contexto da criação

À medida que o Brasil se insere no debate internacional, cresce o questionamento a respeito da sua posição na hierarquia global e fóruns multilaterais. Para melhor compreender a atuação do G20, é necessário conhecer o grupo que fomentou a sua criação, o G7.

Diante da necessidade de uma nova 'arquitetura financeira internacional'³, os países cujas economias vinham apresentando taxas de crescimento superiores às das economias de alta renda entraram no cenário econômico como "emergentes". Naquele contexto, a contribuição destes países para o crescimento da produção global superava a dos países do G7.

Isso levou à criação do G20 incluindo, além dos países do G7, a África do Sul, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, China, Índia, Indonésia, México, Coreia, Rússia e Turquia. A União Europeia é o vigésimo membro.

O G20 é um fórum 'informal', sem estrutura institucional fixa e corpo técnico, com sistema de presidência rotativa de periodicidade anual, ficando os trabalhos de organização a cargo do país que detém a presidência. Assim, demanda apoio técnico a outros organismos internacionais, como a OCDE, o Banco Mundial e o FMI.

É auto-referenciado desde 2012 como o fórum de maior destaque para a cooperação internacional sobre temas econômicos e financeiros, e é peculiar por colocar ao mesmo nível no debate economias de alta renda e economias emergentes. Adota como objetivos a coordenação

¹ Esse texto foi baseado em Publicação Expressa no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em 2024. Ver em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/14087/1/NT_Dinte_70_G20_de_onde_veio_onde_vai_Publicacao_Expressa.pdf

² Coordenador de Relações Econômicas Externas, DINTE/IPEA.

³ Ver a respeito, Eichengreen (2013), Cintra/Martins (2013), Ocampo (2017), Griffith-Jones (2003).

política para promover estabilidade econômica e crescimento sustentado, assim como regulação financeira para reduzir riscos e prevenir crises, contribuindo para a criação de uma nova arquitetura financeira internacional⁴.

Os membros do grupo correspondem a 85% do PIB global, 75% do comércio mundial e a 2/3 da população mundial (G20, 2022), daí sua importância enquanto proponente de enfoques de políticas. Até o momento houve 18 edições do G20, a contar pelas reuniões de Cúpula, com a 19ª. tendo lugar no Brasil, em 2024.

2. Histórico de atuação

Os primeiros movimentos do G20 estiveram vinculados estritamente à área financeira e, como resultado, existem duas trilhas que são subdivididas internamente: a trilha financeira, com sete grupos técnicos e três forças-tarefa, e a trilha dos 'sherpas'⁵ mais ampla e diversificada⁶, com quinze grupos de trabalho, duas forças-tarefa e uma iniciativa.

Os países membros do G20 são divididos em cinco grupos, cada qual com cinco países: Grupo 1: Austrália, Canadá, Arábia Saudita e Estados Unidos; Grupo 2: Índia, Rússia, África do Sul e Turquia; Grupo 3: Argentina, Brasil e México; Grupo 4: França, Alemanha, Itália e Reino Unido e Grupo 5: China, Indonésia, Japão e Coreia do Sul.

Há uma relativa concentração geográfica na composição de cada grupo, com a presidência 'pro tempore' a um dos membros dos grupos a cada ano. Procura-se uma continuidade com a 'troika', juntando o país que presidiu no ano anterior, o atual presidente e o país do próximo ano.

Os trabalhos de identificação dos temas das reuniões de cúpula devem refletir as preocupações da sociedade dos países participantes. Para isso foram constituídos os chamados 'grupos de engajamento', que preparam recomendações a serem apresentadas à presidência do grupo e são formados por representantes de grupos dos países membros.

São onze grupos: Empresarial (B20), Sociedade Civil (C20), Trabalhista (L20), Parlamentar (P20), Ciência (S20), Instituições de Auditoria (SAI 20), Empresas recém-criadas (Startup20), Instituições de

⁴ Ver a respeito Hajnal (2019)

⁵ Denominação associada ao trabalho dos guias nas montanhas do Himalaia.

⁶ Ver <https://www.g20.org/pt-br/trilhas/trilha-de-sherpas>

Pesquisa (T20), Questões urbanas (U20), Mulheres (W20) e Juventude (Y20).

Do ponto de vista interno aos países, se espera que os trabalhos dos grupos de engajamento operem como uma ferramenta de 'lobby' dos setores da sociedade junto às altas autoridades.

3. Presidência

Pela primeira vez o grupo está sendo presidido em sequência temporal por quatro economias emergentes - Indonésia, Índia, Brasil e África do Sul - uma oportunidade única para se incluir temas de interesse direto das economias não-desenvolvidas.

O modelo de presidência rotativa é provavelmente o mais democrático, possibilitando aos membros a oportunidade de influenciar a agenda e estimulando que cada país presidente acrescente tópicos específicos na agenda. Contudo, há dispersão de objetivos, pelo fato de que o país-sede não pode apenas priorizar os temas de seu interesse.

Há questões de fácil identificação, como as necessidades de financiamento, acesso a tecnologia, redução de barreiras comerciais e outras. Mas há, também, uma área cinza, sobre a reforma da governança global.

A abrangência notável de temas traz implícito um custo: é preciso que os diversos setores da sociedade conheçam e acompanhem as discussões no âmbito do G20, e se identifiquem com o que é acordado nesse âmbito.

Caricaturando, havia um político sagaz brasileiro que sempre dizia que 'não se marca reunião antes de que tudo já esteja acertado'. Nesse sentido, o G20 é candidato a ser o local para 'conversas de corredor' para amadurecer posições a serem discutidas no âmbito decisório dos organismos multilaterais.

A legitimidade do G20 é questionada por não-membros em função de que as decisões acordadas podem ter efeitos generalizados, sendo questionável a representatividade destes 20 países para adotarem medidas de ampla abrangência. Uma das particularidades criticadas é o baixo grau de transparência, sendo que as informações são mais acessíveis no país que detém a presidência.

No cenário atual, não há perspectiva do G20 comprometer a existência do G7. A convivência entre os dois grupos é um dado, e se espera que possa haver compatibilidade quanto aos problemas globais.

Existe a possibilidade de o G20 vir a desempenhar um papel relevante no redesenho dos mandatos e forma de atuação das organizações

multilaterais. Isso será tanto mais factível quanto suas deliberações ecoarem as demandas das sociedades dos países representados, que suas decisões não violem os propósitos dos países não-membros, e que sua atuação não se veja tolhida por pressões de parte de grandes potências.

Referências bibliográficas

R. Baumann, R. Gonçalves, *Economia Internacional – Teoria e Experiência Brasileira*, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 2015.

R. Benson, M. Zurn, Untapped potential: How the G20 can strengthen global governance, *South African Journal of International Affairs*, Vol. 26, Issue 4, 2019, pg. 549-562.

A. Berger, A. Cooper, S. Grimm, A decade of G20 summitry: Assessing the benefits, limitations and future of global club governance in turbulent times, *South African Journal of International Affairs*, Vol. 26, Issue 4, 2019.

M.A.Cintra, A.R.A. Martins (orgs), As Transformações no Sistema Monetário Internacional, IPEA, 2013.

A. Cooper, The G20 is dead as a crisis or steering committee: Long live the G20 as hybrid focal point, *South African Journal of International Affairs*, Vol. 26, Issue 4, 2019, pg 505-520.

B. Eichengreen, Crises Financeiras – Análise, Prevenção e Gestão, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 2003.

G20 – Background brief 2022, em https://www.g20.in/en/docs/2022/G20_Background_Brief.pdf, consulta em 03/05/24.

S. Griffith-Jones, *What progress on international financial reform? Why so limited?* EGDI Sweden, 2003.

P. Hajnal, *The G20 – evolution, interrelationships, documentation*, 2nd edition, Routledge, London, 2019.

P. Hajnal, Whither the G7 and G20?, *Canadian Foreign Policy Journal*, Volume 28, 2022, Issue 2, pgs. 127-143.

E. Hobsbawn, *Nações e Nacionalismo desde 1780*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1990.

S. Kirshner, The G20 and Global Governance, *Cato Journal*, Vol. 36, No. 3 (Fall 2016).

J. Kirton, The G20's Future, *International Organisations Research Journal*, vol. 14, no 2, pp. 31–51. DOI: 10.17323/1996-7845-2019-02-02

B. McCallum, *International Monetary Economics*, Oxford University Press, New York, 1996.

J.A. Ocampo, *Resetting the International Monetary (Non)System*, Oxford and Helsinki: Oxford University Press and *UNU-WIDER*, 2017

V. Thorstensen et alli, *G20 - O Papel da OCDE quando comparado ao FMI, OMC e Banco Mundial: implicações para a presidência brasileira do G20*, mimeo, 2024.

J. Vestergaard, R. Wade, *The G20 has served its purpose and should be replaced*, *DIS Policy Brief*, October 2011.